

PIB decepciona FMI

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

A vice-diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Anne Krueger, se juntou ao enorme grupo de desapontados com o desempenho econômico ruim do Brasil no trimestre passado. Em viagem oficial ao país, a número dois do Fundo classificou de "decepcionante" a queda de 1,2% no Produto Interno Bruto (PIB) registrada no período. Mas mostrou confiança de que a retração foi circunstancial e não deve continuar nos próximos resultados. A executiva apoiou a política econômica do governo, que, para ela, garantirá o crescimento sustentado.

"O progresso que a economia brasileira fez desde a minha última visita, há dois anos, é impressionante. Pela sua firme aderência a políticas macroeconômicas prudentes e seu compromisso com o programa de reformas estruturais em curso, a administração do presidente Lula assentou as bases para a recuperação sustentada do crescimento com baixa inflação", disse Krueger depois de se encontrar com Lula e o ministro da Fazenda, Antonio Palocci. A diretora do Fundo está visitando alguns países da América Latina e deve deixar o país hoje.

Para ela, a queda no PIB anunciada anteontem foi uma "flutuação de curto prazo", causada por problemas na agricultura, que não deve atrapalhar a expansão econômica. Krueger atribuiu parte da retração a "uma resposta às dificuldades políticas", mas a retomada já está acontecendo, o que seria provado pelas estatísticas de vendas de outubro e novembro.

Por isso, ao contrário do que estão fazendo analistas independentes e o próprio governo, o FMI não vê razão para alterar as projeções de alta do PIB para este ano (3,3%) e 2006 (3,5%). Pela média das projeções, a economia não crescerá mais do

que 3% neste ano. Até o terceiro semestre, a expansão acumulada é de 2,6%. Ela citou os avanços obtidos pelo Brasil a expansão de 4,9% em 2004, a maior em 10 anos, das exportações, da demanda doméstica, da renda e do emprego.

"Apesar de flutuações de curto prazo, há todas as razões para ser confiante sobre o panorama para 2005 e 2006, contanto que as políticas atuais sejam mantidas", disse. Krueger saudou o fato de a inflação e os juros estarem em queda, retornando aos níveis anteriores à turbulência no mercado em 2002.

Segundo a avaliação do Fundo, o Brasil está menos vulnerável a choques, porque tem se esforçado para reduzir a dívida pública. Sobraram também elogios para os programas de combate à pobreza, especialmente o Bolsa Família.

Em cima do muro

Como era de se esperar, Anne Krueger evitou posições firmes sobre o assunto que tem tomado a discussão dentro do governo: a necessidade ou não de aumentar o superávit primário (economia para pagar os juros da dívida pública), que deve fechar o ano em torno de 4,7% do PIB, embora a meta seja 4,25%. Só disse que fazer superávits é essencial para o país que quer reduzir a dívida pública, mas que o tamanho da economia e o ritmo de diminuição do endividamento são decisões políticas, de caráter interno. O importante, argumentou, é que a perspectiva seja de redução da dívida. Em março, o governo decidiu não renovar o acordo formal que tinha com o fundo desde setembro de 1998.

Respondendo a uma pergunta sobre se a permanência de Palocci no cargo é essencial para a economia brasileira, a diretora do Fundo elogiou a conduta do ministro, mas deixou claro que o importante é a manutenção da política econômica.